

Escritoras ítalo-judaicas entre lembranças e memória transgeracional*

LAURA GHERLONE**

RESUMO: Desde os anos quarenta do século XX, as vozes femininas na Literatura italiana contemporânea vêm ocupando um espaço cada vez mais amplo, marcando a produção literária com um estilo próprio. Ainda assim, frequentemente, mesmo quando se trata de autoras consagradas (como Natalia Ginzburg ou Elsa Morante), sua presença ainda é marginal em nível de divulgação, pois a maior parte das antologias que tratam da literatura italiana do século XX e do início do século XXI se limitam a fazer menção à produção artística das escritoras mais notórias sem, no entanto, levar em consideração o mais amplo fenômeno da escrita feminina, do qual este trabalho trata, com particular atenção à *koinè*, narrativa judaica, no aniversário de oitenta anos das leis raciais fascistas.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade; Cânone literário; Escrita feminina; Estudos judaicos; Literatura italiana contemporânea; Memória.

ABSTRACT: Since the 1940s, female voices in contemporary Italian literature have taken a wider space, marking literary productions with their own styles. However, even when regarding renowned authors (such as Natalia Levi Ginzburg or Elsa Morante), their presence is often still marginal in terms of dissemination. Most of the anthologies that deal with Italian literature from the twentieth century and the first fifteen years of the twenty-first century are limited to mentioning the artistic productions of the most well-known female writers without accounting for the broader phenomenon of women's writing, a phenomenon with which the present contribution is concerned, in particular the Jewish narrative *koine*, on the anniversary of the fascist racial laws (1938).

KEYWORDS: Contemporary Italian Literature; Jewish Studies; Literary Canon; Memory; Otherness; Women's Writing.

* Tradução: Pedro Henrique Pereira Graziano. Revisão da tradução: Maria Celeste Tommasello Ramos.

** CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) / CIFAL, Centro de Investigaciones de la Facultad de Lenguas, Área de Literaturas y Culturas Comparadas – Universidad Nacional de Córdoba – UNC – Avenida Valparaíso s/n, Ciudad Universitaria, Córdoba, Argentina. E-mail: laura.gherlone@gmail.com

Uma estranha alteridade que toma voz

— Sabe, – disse a voz que soava sábia, – não é obrigatório, mas é sempre melhor não se misturar...
— Com quem? – perguntou a menina.
— Com quem não se conhece bem, não se sabe quem é: talvez se defronte com hábitos diferentes dos seus, pode ser algo ruim (SERENI, 1995, p. 55).

Uma das questões mais espinhosas das literaturas ocidentais é o esforço das mulheres para entrar no cânone. Se pensarmos no caso italiano, nos anos quarenta, bem quando o romance do século XX conquistava plena autonomia em relação à poesia, escritoras como Paola Masino, Natalia Ginzburg, Elsa Morante e Anna Maria Ortese produziam seus romances e livros de contos com certo êxito editorial e de crítica. Em 1945 foi publicado *Nascita e morte della massia* de Masino, que já nos anos trinta tinha escrito *Monte ignoso e periferia*. Em 1942, Ginzburg publicou o seu primeiro romance curto, *La strada che va in città*, com o pseudônimo de Alessandra Tornimparte. É de 1937 *Angelici dolori*, de Ana Maria Cortese, um livro de contos escrito entre 1934 e 1936, seguido de *L'infanta sepolta*, de 1950, que a escritora romana escreveu na década de quarenta. O romance *Menzogna e sortilegio*, de Elsa Morante, foi publicado em 1948, e venceu o Prêmio Viareggio como narrativa, empatando com Aldo Palazzeschi. Além disso, entre 1935 e 1941, escreve contos que confluíram, mais tarde, em *Il gioco segreto* (1941), *Le bellissime avventure di Caterì dalla Trecciolina* (1942) e em parte em *Lo scialle andaluso* (1963).

E ainda assim a presença destas escritoras nas antologias e, em geral, no cânone do século XX, é bastante residual em relação a outros nomes consagrados: é um cânone “que [...] nem mesmo os manuais de literatura italiana mais recentes incluem, nem mesmo no índice dos nomes, a escritora Grazia Deledda – única mulher italiana que recebeu um Prêmio Nobel, em 1926” (BROGI, 2017, p. 15).

Não por acaso, nos últimos anos, esta ausência incômoda suscitou a necessidade de indagar exatamente a escrita das mulheres, para checar se carrega consigo um discurso *outro*. Monica Farnetti, por exemplo, aprofundou a relação entre êxito da narrativa feminina e o gênero fantástico, notando uma série de afinidades e empatias que ligam as várias protagonistas dos romances e o elemento sobrenatural ou imaginário-perturbador: o monstro, o fantasma, o animal antropomorfo (FARNETTI, 2002; 2003)¹. Outros especialistas, como Beatriz Manetti, levaram em consideração a ligação entre o fantástico e o horizonte do sagrado, notando neste um ponto de convergência entre “o terror sucistado pelo *tremendum* e ‘O Amor e a Misericórdia, a Piedade, o Conforto’ ligados ao aspecto *fascinans*” (MANETTI, 2014, p. 529-531): é em virtude desta ambivalência, fonte de medo, atração e estupor, que

¹ Manetti observa, entretanto, que “Um olhar de conjunto ao fantástico do século XX italiano [...] mostra [na verdade] como a tensão à reconciliação com a alteridade e à redução ao mínimo do antagonismo entre categorias opostas (sonho-vigília, real-irreal, consciência-inconsciência, si-outro de si) sejam traços característicos não somente do fantástico feminino mas do fantástico *tout court*” (MANETTI, 2014, p. 527).

² É citada a obra *Das heilige* (1917), do estudioso de História das Religiões Rudolf Otto.

o sagrado se firmaria como uma das poéticas prediletas das mulheres escritoras. Ainda, foi dada atenção ao corpo da mulher (como genitora e *Heimat*, ou seja, o lugar de nascença ou a antiga pátria) ou à relação mãe-filho e mãe-filha – frequentemente marcada por um amor apaixonado, por uma curiosidade quase mórbida pela mãe ou por um desejo irredutível de se diferenciar que pode desencadear a euforia ou a loucura – cujos *tópoi* geram modalidades de escrita próprias. Penso, por exemplo, no personagem de Antonietta no conto “Il gioco segreto” (1937, depois 1941), de Elsa Morante, ou na menininha “um pouco triste” (SERENI, 1995, p. 43), descrita como no conto “*Ebrei*”, de Clara Sereni: em ambos os casos, encontramos adolescentes que, face a uma mãe de personalidade autoritária e repressora, encontram espaço para a possibilidade libertadora de serem leves, fantasiosas, tempestivas, femininas.

Na literatura italiana contemporânea se torna cada vez mais urgente interrogar o cânone a respeito dos espaços a serem preenchidos, ou seja, os casos literários cuja exclusão da “tradição” se liga ao fato de serem uma *alteridade estranha*, ao fato de estarem além da esfera do confortável e do compreensível. Se pensarmos no tema da memória ancestral na escritora ítalo-alemã (de origem polaco-judia) Helena Janeczek, neste famoso e muito citado fragmento de *Lezioni di tenebra*, de 1997:

Gostaria de saber se é possível transmitir conhecimentos e experiências não com o leite materno, mas antes ainda, através dos líquidos da placenta ou não sei dizer como, porque o leite da minha mãe eu não tive, e tenho a fome ancestral, uma fome de mortos de fome, que ela não tem. [...] Não diz [miha mãe] de que fome sofreu e que muitos são os significados da frase “não havia nada para comer”. Não diz que por puro acaso ou por milagre não morreu de fome, ou mais provavelmente, não morreu por fraqueza e desnutrição, por gás (Janeczek, 2011, p. 11-12).

Deveria atingir uma mulher (e uma filha), por ser uma temática tão problemática e incompreensível – ou seja, a possibilidade que um trauma proveniente da própria mãe permaneça e corra pelo sangue dos descendentes³ – pode ser assim penetrado e interpretado. Escrevendo *Lezioni di tenebra* – comentou, vinte anos depois, Janeczek:

Caminhava sobre um terreno em boa parte desconhecido, visto que poucos até o momento tinham abraçado minha perspectiva, a perspectiva memorial dos filhos que se descobrem esmagados pelas experiências traumáticas dos próprios pais sobreviventes do Holocausto. Nunca tinha ouvido falar de *pós-memória*, termo cunhado por Marianne Hirsch, naqueles mesmos anos, nem mesmo tinha a noção de uma “transmissão transgeracional do trauma” [...]. A pergunta suscitada pelos estudos a respeito do trauma não diz respeito à ferida, mas ao escândalo do mal que, inferindo-a, insinua-se no corpo da vítima. Porque é disto que estamos falando: de uma mãe que, apesar de tudo, transmitiu à própria filha também a violência sofrida, o autoritarismo arbitrário, o medo aniquilador, a morte inelaborável daqueles que lhes eram queridos – a morte da própria mãe, principalmente – assimilada no sentido de culpa pelo fato de simplesmente ter

³ Janeczek faz referência à conhecida como hereditariedade epigenética transgeracional e, em particular, à pesquisa conduzida por Rachel Yehuda (famosa Neuropsiquiatra especialista em *Traumatic Stress Studies*) sobre a marca traumática que assinala geneticamente os filhos dos sobreviventes do Holocausto.

sobrevivido. Uma mãe que, por esses aspectos, encarna o contrário da figura materna codificada pelo nosso imaginário: não inspira cuidados e proteção, doçura e compreensão, vida (Janeczek, 2017, p. 157-158).

O caso do Holocausto visto pelas mulheres, judaicas e escritoras, acaba sendo particularmente representativo para os fins de uma reflexão sobre a escrita feminina, vista a desconcertante falta de testemunhos femininos no imediato pós-guerra em comparação com os masculinos, mas também se for levada em consideração a súplica do discurso produzido pela *koiné* narrativa judaica, uma vez que, como veremos, o tratamento reservado às mulheres foi particular, como bodes expiatórios “privilegiados” pela eugenia nazista.

Nelas, a escrita se torna um espaço transfigurante, uma estratégia de libertação para reencontrar o próprio ser mulher, esposa, mãe, filha e neta. Como destacou Stefania Lucamante, recordando a memorialista Liana Milly e seus *Ponti di Schwerin* (1978), “Para as mulheres, para a sua amiga Jeanette, aplicar este último pedaço de gordura sob os olhos era um ato de resistência contra a desumanização, não superficialidade” ou frivolidade (LUCAMANTE, 2007, p. 86).

Não calar o indizível

Às portas do século XXI, as reflexões sobre a escrita feminina começaram a proliferar, graças também às afirmações nos ambientes acadêmicos e um nicho de pesquisa nascido no seio dos estudos culturais e pós-coloniais dos anos sessenta. Foram os chamados *Women’s studies*, horizonte de pensamento que tem o mérito de ter trazido à luz a situação de marginalidade e de boicote da mulher praticamente em todos os aspectos da vida social. Nesta perspectiva, a crítica literária fez amplo uso dos *Women’s studies*, não apenas para identificar os aspectos relevantes da escrita feminina – pensa-se em textos clássicos como Cixous (1976), Kristeva (1984) e Irigaray (1985), mas também para reabilitar muitas escritoras deixadas tempo demais na sombra, ou qualificadas superficialmente com a etiqueta de literatura “sentimental” ou “infantil”, como no caso totalmente infundado de Elsa Morante. Hoje, escreve Lucamante, citando as palavras da histórica Anna Bravo (autora do prefácio da edição italiana *Donne nell’Olocausto*, 2001),

O fechamento em relação a um estudo de gênero permanece, de todo modo, uma “posição de retaguarda”, enquanto “negar a relevância do gênero equivale a fomentar que o cânone narrativo deva permanecer masculino, uma premissa hoje antiquada em quase todos os âmbitos de pesquisa”. [...] efetivamente obsoleto parece hoje em dia a obstinada e (talvez) inconsciente recusa em analisar as peculiaridades dos discursos de mulheres (LUCAMANTE, 2007, p. 80).

E também se procura caminhar sobre um “campo minado”, como o do Holocausto, a questão do gênero se mostra ainda mais pungente e contraditória:

[...] um dos obstáculos pare um estudo determinado também pelo gênero das testemunhas [da Shoah] derivava da opinião difusa que separando a voz feminina da voz coletiva – masculina – se arriscasse de reduzir a potência de um único coro de tais testemunhos. Que se arriscasse de diminuir de modo geral a importância da “unicidade do evento” [...], além de estabelecer uma “hierarquia dos sofrimentos”. [...] Dado que os cronistas da história judia, como muitos historiadores, privilegiam como normativa a experiência masculina, e as mulheres são deixadas regularmente à margem da história judia (LUCAMANTE, 2007, p. 78).

Não foi por acaso que muitas mulheres decidiram *não calar o indizível* apenas depois de muitíssimo tempo, ou que tenham desejado passar a limpo sua experiência no *lager* (em forma de ficção ou memorialística) “no calor do momento”, apesar da sociedade as induzir a permanecerem caladas, a esquecer, ou mesmo a expiar a culpa de se intrometer em questões que não lhes pertenciam⁴ (como o *partigianismo* de Liana Millu, ou o anti-fascismo de Ginzburg e Morante). No fim da Segunda Guerra Mundial, de fato,

Ao silêncio se opõe a urgência de falar. No início de uma nova vida, depois da detenção, o temor de não serem compreendidas, ainda mais forte se são mulheres. Não são poucas os testemunhos femininos orais e escritos que revelam a hostilidade súbita no retorno dos *lager* nazistas. Diriam-no especialmente “as políticas”, aquelas que, seguindo a moral do pós-guerra, se não tivessem feito escolhas precipitadas, se tivessem permanecido em seu lugar em vez de se alinhar aos rebeldes, não teriam terminado onde acabaram. Daí frequentemente deriva o silêncio, que é ditado pela dor da recordação, que é amplificado pela intolerância da sociedade que não queria mais escutar histórias de guerra e morte, e muito menos ser culpada por elas (PACELLI, 2008, p. 21).

A escrita se torna o espaço de sentido pelo qual as mulheres escolhem (re)encontrar uma identidade própria no drama da marginalização ou da incompreensão, de recordar aquilo que a sociedade gostaria que fosse esquecido, e o fazem com “o Amor e a Misericórdia, a Piedade e o Conforto”, ou seja, com figuras narrativas e modalidades históricas próprias.

Quando Elsa Morante publicou *La storia* (1974), o romance despertou muitas perplexidades, apresentando-se aos olhos de muitos como a exumação de um “morto” – o trauma do fascismo, do antisemitismo italiano e da guerra civil de 1943-1945 – cujo luto era agora reelaborado e superado pela sociedade italiana. O que fez Morante foi, ao invés de observar a história coletiva por meio do olhar de uma história pontual (pessoal, familiar, genealógica): de uma posição aparentemente inferior, uma vez que a morantiana Ida Ramundo não é apenas uma mulher, viúva e judia, mas vive a “sua” guerra mundial

⁴ Escritoras como Elisa Springer e Fausta Finzi foram capazes de contar o trauma da deportação somente depois de muitos anos e com o auxílio dos familiares mais queridos. “Como no caso do homem sobrevivente, também a mulher sobrevivente decide de fato falar, ou melhor, decide ‘não ter o que fazer além de falar’, ou – mais frequentemente a segunda reação entre as mulheres é observar o silêncio total da família, sobretudo com os filhos, por medo de ressuscitar fantasmas, de despertar medos que, na verdade, nunca serão esquecidos. ‘Eu escrevi tudo isso’, disse [Giuliana] Tedeschi referindo-se ao próprio memorial, ‘e foi a minha salvação. Ninguém queria me escutar: e eis que um caderno me ajudava a desafogar-me, a libertar-me. De fato, quando terminei, senti-me mais leve, mais aliviada” (LUCAMANTE, 2007, p. 86).

sofrendo de forma impotente o estupro do jovem soldado Gunther, que lhe dá um filho de nome Useppe. Este olhar trouxe à tona uma interrupção que somente mais tarde a sociedade confrontou de forma consciente⁵ e que mostrou como a história não é apenas aquela dos grandes eventos e dos combates vencidos, perdidos ou resolvidos em mesas de negociação, mas também (ou principalmente), aquela daqueles que permanecem marcados por ela e que frequentemente não encontram voz a não ser na forma de um romance ou um *memoir*. Como evidenciou Hanna Serkowska,

Os estudos ligados à literatura feminina sobre o Holocausto, desenvolvidos somente no início dos anos noventa do século XX, foram logo taxados de banalização e vulgarização de uma experiência única como a *Shoah*, de projeção do passado sobre as preocupações de hoje, permitindo que uma interpretação feminista se aproprie do Holocausto (SERKOWSKA, 2007, p. 203).

Entretanto, é fundamental, salientar a italianista polonesa, tomar consciência de como o Holocausto

[...] representa um desafio ainda maior para a reflexão sobre a história da literatura, que complique ou impeça a síntese que cada cânone histórico-literário pressupõe e, enfim, que nos convide a repensar algumas das premissas fundamentais da história literária do século XX, a cumprir uma revisão do cânone [...] (SERKOWSKA, 2007, p. 203).

Nos últimos duzentos anos, a reflexão sobre a presença (ou não) da voz feminina na literatura – voz/silêncio que se amplifica em casos de estudo, como o Holocausto, em que o “outro sexo” foi objeto de uma atenção *particular* da parte do homem⁶ – trouxe à luz duas naturezas de problemas. Em primeiro lugar, veio à tona a necessidade de enfatizar a riqueza das modalidades de escrita da mulher e sua validade epistêmica. O estilo intuitivo, onírico-visionário, irônico, íntimo-empático, pragmático (o mundo da vida caseira e cotidiana), emotivo e até mesmo frívolo que atravessa as páginas escritas pelas mulheres não é expressão de uma *visão irracional, sentimental, banal, inocente* (ou melhor, *pueril*), *pouco séria* da realidade, mas é uma forma de percepção composta e integral de fenômenos verificados. Reabilitar estes aspectos do ponto de vista epistêmico significa aceitar o fato de que aquilo que vivemos pode ser “dito” de muitas formas.

Em segundo lugar, como lembrou Hanna Serkowska, veio à tona a necessidade de revisar os critérios por meio dos quais se compõe o variado “baú” dos autores, gêneros, temáticas, tendências e correntes que constituem o cânone e que hoje, segundo muitos

⁵ Pense-se ao caso das “*marocchinate*” (ou seja, aos estupros e os assassinados em massa perpetrados pelos *goumiers marocains* na população do Lácio meridional, em 1944) encarados por Alberto Moravia, no longínquo ano de 1957, com o romance *La ciociara*, mas somente recentemente tornados objeto de uma conscientização coletiva.

⁶ A Historiadora alemã Gisela Bock – que estudou cerca de 400.000 casos de esterilização forçada durante o Terceiro *Reich* – sublinhou que, na Alemanha nazista, a íntima conexão entre racismo e sexismo não deve ser interpretada “como a simples soma de duas formas de desfrutar (explorar) – ou seja, nos termos de uma dupla opressão – mas como uma relação multiforme e complexa. [...] a esterilização em nome da higiene racial foi o prelúdio direto dos extermínios de massa” (BOCK, 1983, p. 404 e 415).

especialistas de didática da literatura italiana⁷, tem sempre menos uma vocação “nacional” e cada vez mais uma natureza fluida e transitória. Isso pode ser verificado se sua difusão acontece no exterior, contexto em que inevitavelmente se encontra com a variável intercultural: um “cânone de geometria variável” pode então se tornar anunciador de pontos literários frutíferos e estudos comparados⁸.

Memória cultural e transgeracional

Uma linha de demarcação que traça um antes e um depois na história do século XX, sem dúvida, é o Holocausto. Foi um evento único de seu gênero, fruto de uma associação inédita entre ideologia eugênica, a ciência e as (bio)tecnologias – como lembra Primo Levi em sua “ficção científica” *Storie naturali* (1966) –, cujo único objetivo almejado foi exterminar internacionalmente um povo e melhorar um outro a partir daí (uma inexistente raça ariana). Mas foi único também pela rede de consequências que gerou, marcando o pós-guerra com uma proliferação “rizomática” de eventos dramáticos: as migrações em massa do povo hebreu, o *aliyah* (o retorno à terra de Israel) e a exacerbação do movimento sionista, a criação do Estado de Israel em 1948 e a transformação do já precário equilíbrio do Oriente Médio, o deterioramento da relação com os palestinos, em defesa dos quais Natalia Ginzburg escreveu palavras fortes em um artigo publicado no *L’unità*, em 1989.

Ainda hoje o trauma do Holocausto é narrado por meio de representações ficcionais⁹, que carregam nos ombros as narrções autobiográficas *necessárias* (diários e memórias), que surgiram depois do fim da Segunda Guerra Mundial. É o caso, por exemplo, de Liana Millu, que escreve seu diário (publicado postumamente) durante o duro retorno à Itália dos campos de concentração de Auschwitz-Birkenau entre 10 de maio de 1945 e 1 de setembro de 1945, publicando posteriormente seus primeiros livros de memória num pós-guerra imediato, *Il fumo di Birkenau* (1947), em que seis personagens femininas, ainda que inventadas, condensam “as figuras e as histórias de tantas mulheres encontradas nos campos de concentração” (PACELLI, 2008, p. 24).

Diversos estudiosos estão de acordo em apoiar que é possível identificar três periodizações na representação literária da Shoah: “exemplos de escrita de testemunho, no primeiro período, romances no segundo, e ensaística e romance no último, [mesmo se] na realidade estes três gêneros estão presentes nos três períodos, ou mesmo divididos em interessantes hibridizações genéricas” (LUCAMENTE, 2007, p. 89). O narrar, desta forma, torna-se uma ação terapêutica e talvez cicatrizante, mas também uma operação de memória, de atualização, de redescoberta das próprias raízes, sobretudo para os escritores da segunda e terceira gerações que não viveram de maneira direta a perseguição.

⁷ Veja-se Tonelli (2013).

⁸ Para um aprofundamento veja-se Gherlone (2018a; 2018b).

⁹ Por um lado, encontramos romances, contos breves, histórias em quadrinhos, roteiros de filmes e de obras teatrais, por outro lado, os estudos mais acadêmicos ligados à relação entre escritura ficcional e “hebridade” feminina.

Além disso, temos casos em que a escritora não viveu a deportação e o confinamento – como, ao contrário, aconteceu com a já citada Liana Millu (*Il fumo di Birkenau*, 1947), a Giuliana Tedeschi (*Questo povero corpo*, 1946), Edith Bruck (*Chi ti ama così*, 1959), Elisa Springer (*Il silenzio dei vivi*, 1997), Fausta Finzi (*A riveder le stelle*, 2006) – mas o medo, a culpa, o exílio, o ato de se esconder e a perseguição mesmo daqueles que se ama. Basta pensar em Elsa Morante, que no conto juvenil¹⁰ “Il ladro dei lumi” (escrito em 1935), condensa no personagem da menina judia – testemunha do crime realizado pelo guardião do Templo Jusvin – o terror da hereditariedade ancestral, dos genes “malditos”, do castigo sem perdão.

Minha mãe, ainda jovem, exilada, tinha um rosto gracioso, carregado de rancor. Em toda oportunidade, golpeava furiosamente a testa com os punhos, e pelas minhas ausências, tinha o hábito de me maldizer, e um hebraico solene, dirigindo-se na direção do Templo aquela expressão derrotada. E eu me atordoava, sabendo que as maldições dos pais e das mães, reproduzidas por ecos, chegam sempre a Deus (MORANTE, 1985, p. 11-12).

E neste terror, como na lúgubre e asfíxiante atmosfera do conto morantiano, resta uma triste angústia para quem carrega estes genes “malditos”, quase um presságio das iminentes leis raciais fascistas, de 1938, e do reestabelecimento do Gueto de Roma, alguns anos mais tarde (1943).

Se pensar, ainda, em Natalia Levi Ginzburg que, evocando sua infância, observa como o “fardo” de ser judia, junto com as posições antifascistas do pai e o fato de não pertencer à Igreja católica, representou uma fonte de sofrimento, algo que definia o fato de ser “uma garota um pouco marginalizada” – como é definida por Italo Calvino, quando se refere a *Tutti i nostri ieri* (1952) – “Não íamos nem à igreja, nem como alguns parentes do meu pai ao templo: não éramos ‘nada’, explicaram-me meus irmãos; éramos ‘mistos’, ou seja, meio judeus e meio católicos, mas no final das contas nem uma coisa nem outra: nada” (GINZBURG, 1992, p. 55). E lembra, em *Lessico familiare*, a condição de discriminação difundida na Itália fascista:

Minha mãe [...] contou um fato que tinha acontecido com o filho de uma amiga sua, muitos anos antes, mesmo antes da guerra e antes da campanha racial. Este menino era judeu, e seus pais o tinham colocado na escola pública; mas tinham pedido à professora para isentá-lo das aulas de religião. Um dia sua professora não compareceu, e em seu lugar havia uma suplente, que não tinha sido advertida, e na hora da aula de religião, ficou maravilhada em ver aquele menino pegar sua pasta e se preparar para sair. – Por que está indo embora? – perguntou. – Vou embora, – disse o menino, – porque eu sempre vou para casa na hora da aula de religião. – E por quê? – perguntou a suplente. – Porque eu, – respondeu aquele garoto, – não gosto de Nossa Senhora. – Não gosta de Nossa Senhora! – gritou escandalizada a professora. – Vocês escutaram, crianças? Não gosta de Nossa Senhora!
– Não gosta de nossa senhora! não gosta de nossa senhora! – agora toda a classe gritava. Os pais foram obrigados a retirar o menino da escola (GINZBURG, 1963, p. 154).

¹⁰ Para um maior aprofundamento veja-se Porciani (2014) e Zangrandi (2014).

É um fardo que se torna ainda mais pesado com a idade adulta quando, depois de três anos de confinamento em Abruzzo, devido a atividades subversivas do marido Leone Ginzburg, judeu e antifascista, Natalia fica viúva e sozinha com os três filhos pequenos, por obra da perseguição nazifascista¹¹. Na poesia “Memória” (1944), observando o corpo de Leone, a escritora vê a vítima do Holocausto, o cordeiro do sacrifício, aquele que parte o pão e derrama o vinho (vv. 4-9).

Levantou o lençol para ver seu rosto,
abaixou-se para beijá-lo num gesto comum.
Mas era a última vez. Era um rosto comum.
apenas um pouco cansado. As roupas eram as de sempre
E os sapatos eram os de sempre. E as mãos
eram as que partiam o pão e derramavam o vinho.

Com a prática da escrita, anedótica ou ficcional que seja, os testemunhos não se perdem no esquecimento do *indizível*, mas, pelo contrário, ganham novo vigor e se transmitem como uma memória transgeracional e cultural. É isto que impulsiona as escritoras de segunda a terceira geração (pensemos em Clara Sereni, Elena Loewenthal e na já citada Helena Janeczek) a continuarem a falar do judaísmo: uma matriz que não coincide necessariamente com a fé religiosa, mas sobretudo com uma “experiência de povo”¹².

A atenção que aqui se deseja dedicar à voz feminina deriva, em primeiro lugar, do fato de que a experiência vivida pelas mulheres nos campos de concentração e, ainda mais em geral, na perseguição antisemita, em parte foi diferente da que os homens sofreram, sendo vítimas de ultrajes que tinham especificamente como *objeto* o corpo feminino:

O paradoxo [...] reside portanto no não querer dividir as vozes da coralidade quando, na realidade, a sensualidade em seu particular era de grande importância na eliminação da raça. Uma sensualidade que era usada como instrumento para negar a condição humana ao feminino das deportadas como portadoras de genes “inferiores” (LUCAMANTE, 2007, p. 81).

Em segundo lugar, deriva da inevitável significação da escrita feminina, que se torna porta voz de um discurso peculiar. E isto vale não apenas para as testemunhas diretas, mas também para suas filhas e netas que falaram da ferida do povo judeu, décadas distantes do Holocausto.

¹¹ Natalia perde Leone em decorrência das torturas impostas a ele pelos nazifascistas, na prisão de Regina Coeli, “em Roma, durante a ocupação alemã, em um gélido fevereiro” (GINZBURG, 1963, p. 160).

¹² Raniero Speelman sublinha que a *proveniência judia* dos escritores italianos inclui experiências heterogêneas do ser “judeu”: “Assim, a literatura ítalo-judaica inclui judeus convertidos como Ettore (Aron) Schmitz [Italo Svevo] e Elsa Morante, e “meio” judeus de mãe cristã, como Alberto Pincherle-Moravia, Marina Jarre e Alessandro Piperno [...] É necessária uma outra observação sobre a religiosidade (frequentemente escassa) dos escritores italianos. De fato, a-religiosos eram tanto os irmãos Rosselli, primos de Moravia, como também Carlo e Primo Levi, visto que limitar-nos a poucos nomes. É famoso, no entanto, o que disse Nello Rosselli, no Congresso de Livorno de 1924: ‘Sou judeu de consciência, sou judeu porque acredito nas memórias judias, sou judeu porque acredito na tradição judia, sou judeu porque acredito nos valores e nos ideais do judaísmo’ (SPEELMAN, 2007, p. IV).

O tema da maternidade e da genealogia, por exemplo, é muito presente nos escritos da segunda e terceira gerações¹³. Como vimos com Helena Janeczek – cujo primeiro livro em italiano, *Lezioni di tenebra*, conta a luta familiar para afastar os fantasmas do não dito frente à recusa da mãe de falar do trauma do campo de concentração – torna-se força motriz para os descendentes compreender o escândalo do mal passeando pelos labirintos das lembranças transgeracionais.

No breve conto “Judeus”, Clara Sereni – escritora romana recentemente falecida, auto definia-se “mais judia por escolha que por destino, mulher não apenas pelas anágrafes” (SERENI, 1998, p. 12) –, escolhe justamente o relacionamento entre uma mulher e uma neta para contar uma história de medo e tabu. Em “Judeus”, encontramos uma garotinha romana (cujo nome não é nunca dito) que, devido aos preconceitos da mãe, vive uma adolescência solitária e triste. Um dia, na escola, lhe é designada Zarfati como companheira de banco, garota inteligente e esperta, sua nova amiga, que posteriormente descobriremos ser judia, e que traz ares de liberdade e leveza à vida da protagonista:

Zarfati era ótima em sugerir novos penteados para os cabelos, um investimento pequeno para trazer novos ares à eterna vestimenta cinza, um sistema engenhoso para se perfumar: ela aprendia a aceitar aqueles presentes de inteligência e não tinha mais inveja dos botões [da moda] de Zarfati, e nem mesmo de suas notas, que eram as melhores.

Continuavam a se chamar pelo sobrenome para garantir as reservas que ainda existiam. Mas juntas, existia o desejo de se constituir de forma semelhante, de modo que as diferenças eram apagadas, enfraquecidas. O mundo grande e retumbante que as cercava ficava fora do território de cumplicidade e segredos em que se moviam: sua ocupação era crescer, e do restante acreditavam não dever se ocupar.

Durante as aulas, começavam a dizer que as duas eram parecidas, a chamá-las de “as gêmeas”: às piadas e brincadeiras respondiam com olhares de cumplicidade, orgulhosas de suas tardes e da intimidade (SERENI, 1995, p. 46-47).

A história se insinua, entretanto, entre as duas garotinhas, e de hoje para amanhã Zarfati desaparece, talvez engolida pelas buscas militares. A protagonista, obstinadamente enclausurada em seu rancor devido ao silêncio súbito, não quer compreender que a diversidade da amiga (*Baruchì barushemà*, a tinha ouvido cantar em hebraico) não é uma afronta, uma traição, uma contradição em suas questões, mas aquilo que a fez ir embora sem despedidas. Com os anos, crescem nela os preconceitos e a rigidez, e agora obtusa e cercada de escuridão, assim como a mãe, podemos vê-la como a avó de uma garotinha. Um dia a neta convida uma amiga para vir à casa e durante a merenda uma *palavra indizível* (“presunto”) traz à tona a ferida aberta:

— Não gosta de presunto? – perguntou, cuidadosa.

[...]

— O que é, qual é o problema? – perguntou ela, enquanto colocava para fora

¹³ Isso vale não somente para as escritoras italianas. Pensando-se em um romance como *As genealogias*, de Margo Glantz (1981).

biscoitos, um pedaço de torta, queijos.

— Nós não comemos presunto, somos judeus.

Um salto na memória, um conjunto de notícias que tinha afastado de si. A súbita e abissal abertura de uma possibilidade, uma explicação, um motivo: as convicções e as defesas de uma vida inteira colocadas em dúvida por uma única palavra: *judeus*.

Devido a esta possibilidade, que nunca tinha aceitado considerar, num instante a vida se confunde, mudando de sentido e de significado: a estrada percorrida apagava as próprias razões, e despertava uma vontade de cores vivas e solares, devastador.

Apoiou com força as mãos sobre o mármore da mesa, agarrando-se às certezas de sempre. Encheu um copo d'água, sorveu em pequenos goles, recuperou lentamente a segurança da voz forte e das decisões que tinha tomado (1995, p. 53-54).

“Judeus” é uma história “ao contrário”, isto é, não de quem sofreu o Holocausto, mas de quem, no fundo, permitiu que acontecesse, talvez involuntariamente, talvez inconscientemente, mas certamente de maneira surda para preservar a própria tranquilidade: é a história de uma memória familiar que se faz memória cultural e continua a transmitir estereótipos e preconceitos associados simplesmente ao medo do *diferente*.

Vemos como em Sereni, e nas autoras mencionadas, o narrar se transforma em ato devido na direção de si – “mais judia por escolha que por destino”, destaca a escritora romana –, seja porque isto tenha espaço como modalidade de escrita autobiográfica, ou porque seja por meio de técnicas narrativas ficcionais, tanto longe quanto próximas no tempo, em todo caso, colocar o preto no branco ajuda a recompor as fraturas, a sobreviver, a sanar aquela “afasia projetiva que cerca os filhos” de quem viveu a experiência da deportação (QUEUERCIOLO MINCER, 2007, p. 132), ou ainda, a lembrar para denunciar. Também para gerar compreensão, amor, consolo, confiança nas fontes espirituais do homem que está também em situação de negação ou de exílio e perda.

GHERLONE, L. Jewish Italian Women Writers between Personal Narratives and Transgenerational Memories. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 10, n. 2, p. 177-190, 2018.

Referências

BOCK, G. Racism and Sexism in Nazi Germany: Motherhood, Compulsory Sterilization, and the State. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, v. 8, n. 3, p. 400-421, 1983. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/493983?journalCode=signs>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

BRAVO, A. Presentazione. In: OFER, D.; Weitzman, L. (Cur.). *Donne nell'Olocausto*. Firenze: Le Lettere, 2001. p. ix-xxi.

BROGI, D. Per un nuovo racconto di formazione. In: _____. *et al.* (Cur.). *Nel nome della madre. Ripensare le figure della maternità*. Roma: Del Vecchio Editore, 2017. p. 09-19.

CIXOUS, H. The Laugh of the Medusa. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, v. 1, n. 4, p. 875-893, 1976. Disponível em: <<http://www2.csudh.edu/ccauthen/576F10/cixous.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

FARNETTI, M. Definire il fantastico femminile. In: RIMONDI, G. (Cur.). *Nuova prosa: quadrimestrale di narrativa. Definire il fantastico*. Milano: Greco & Greco, n. 34, p. 237-246, 2002.

_____. Empatia, euforia, angoscia, ironia: modelli femminili del perturbante. In: CHITI, E.; FARNETTI, M.; TREDER, U. (Cur.). *La perturbante: das Unheimliche nella scrittura delle donne*. Perugia: Morlacchi, 2003. p. 9-22.

GHERLONE, L. Letteratura di frontiera. Un caso didattico per l'Argentina. *La Nuova DITALS Risponde 2*. Siena: Università per Stranieri di Siena/Centro DITALS, 2018a (no prelo).

_____. Prólogo. In: CAMPOS BUSTOS J. L. *Errancia. Migrantes y vagamundos judíos en la literatura hispanoamericana contemporánea*. Santiago de Chile: RIL Editores, 2018b (no prelo).

GINZBURG, N. *Lessico familiare*. Einaudi: Torino, 1963.

_____. *Opere. Vol. 2*. Milano: Mondadori, 1992.

IRIGARAY, L. *Speculum of the Other Woman*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1985.

JANECZEK, H., *Lezioni di tenebra*. 1 ed. 1997. Parma: Guanda, 2011.

_____. Idee della madre. In: Brogi, D. *et al.* (Cur.). *Nel nome della madre. Ripensare le figure della maternità*. Roma: Del Vecchio Editore, 2017. p. 157-173.

KRISTEVA, J. *Revolution in Poetic Language*. Trad. Margaret Waller. New York: Columbia University Press, 1984.

LUCAMANTE, S. Non soltanto memoria. La scrittura delle donne della Shoah dal dopoguerra ai giorni nostri. In: SPEELMAN, R.; JANSEN, M.; GAIGA, S. (Cur.). *Italianistica Ultraiectina vol. 2. Contemporary Jewish Writers in Italy: a Generational Approach*. Utrecht: Igitur, Utrecht Publishing & Archiving Services, 2007. p. 77-95. Disponível em: <<https://dspace.library.uu.nl/handle/1874/29209>>. Acesso em: 24 set. 2018.

MANETTI, B. Donne al cospetto dell'angelo: il sacro come epifania del fantastico in Paola Masino, Elsa Morante e Rossana Ombres. *California Italian Studies*, v. 5, fasc. 1, p. 526-549, 2014. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/50f7w5k3>>. Acesso em: 24 set. 2018.

MORANTE, E. Il ladro dei lumi. In: _____. *Lo scialle andaluso*. Torino: Einaudi, 1985. p. 11-17.

PACELLI, L. Scrittura femminile tra Resistenza, deportazione e memoria. In: Lucamante, S. et al. (Cur.). *Italianistica Ultraiectina vol. 3. Memoria collettiva e memoria privata: il ricordo della Shoah come politica sociale*. Utrecht: Igitur, Utrecht Publishing & Archiving Services, 2008. p. 19-33. Disponível em: <<https://dspace.library.uu.nl/handle/1874/294532>>. Acesso em: 24 set. 2018.

PORCIANI, E. Percorsi diegetici e tematici della scrittura giovanile di Elsa Morante. *Cuadernos de Filología Italiana*, Madrid, v. 21, p. 157-172, 2014. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/CFIT/article/view/48731>>. Acesso em: 24 set. 2018.

QUERCIOLO MINCER, L. Romanzi della seconda generazione dopo la Shoah: strategie del ritorno fra memoria ed oblio. *Lezioni di tenebra* di Helena Janeczek e *Lo zio Coso* di Alessandro Schwed. In: SPEELMAN, R.; JANSEN, M.; GAIGA, S. (Cur.). *Italianistica Ultraiectina vol. 2. Contemporary Jewish Writers in Italy: a Generational Approach*. Utrecht: Igitur, Utrecht Publishing & Archiving Services, 2007. p. 129-136. Disponível em: <<https://dspace.library.uu.nl/handle/1874/29205>>. Acesso em: 24 set. 2018.

SERENI, C. Ebrei. In: _____. *Eppure*. Milano: Feltrinelli, 1995. p. 43-55.

_____. *Taccuino di un'ultimista*. Milano: Feltrinelli, 1998.

SERKOWSKA, H. La Shoah ha un genere? Il caso di alcune scrittrici ebrei di lingua italiana. In: SPEELMAN, R.; JANSEN, M.; GAIGA, S. (Cur.). *Italianistica Ultraiectina vol. 2. Contemporary Jewish Writers in Italy: a Generational Approach*. Utrecht: Igitur, Utrecht Publishing & Archiving Services, 2007. p. 201-216. Disponível em: <<https://dspace.library.uu.nl/handle/1874/294531>>. Acesso em: 24 set. 2018.

_____. (Cur.). *Tra storia e immaginazione: gli scrittori ebrei di lingua italiana si raccontano*. Cracovia: Rabid, 2008.

SPEELMAN, R. Introduzione. Particolarità e ricchezza della letteratura italoebraica. In: SPEELMAN, R.; JANSEN, M.; GAIGA, S. (Cur.). *Italianistica Ultraiectina vol. 2. Contemporary Jewish Writers in Italy: a Generational Approach*. Utrecht: Igitur, Utrecht Publishing & Archiving Services, 2007. p. i-xx. Disponível em: <<https://dspace.library.uu.nl/handle/1874/29217>>. Acesso em: 24 set. 2018.

TONELLI, N. (Cur.). *Per una letteratura delle competenze*. Torino: Loescher Editore, 2013.

ZANGRANDI, S. Trasfigurare il mondo con la fantasia. Tracce fantastiche nella narrativa breve di Elsa Morante e Anna Maria Ortese. *Cuadernos de Filología Italiana*, Madrid, v. 21, p. 215-232, 2014. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/CFIT/article/view/48735>>. Acesso em: 24 set. 2018.

Recebido em: 05 out. 2018

Aceito em: 03 nov. 2018